

SOBRE O CONCEITO DE CATARSE NA POÉTICA DE ARISTÓTELES

Álvaro Queiroz¹

A palavra catarse significa purgação ou purificação. Na antiga medicina, essa purificação poderia ser feita por vômito, evacuação de fezes, urina e suor, bem como através de sangria. É daí que deriva o vocábulo purgante, medicamento utilizado para limpeza interior ou desintoxicação do organismo – purgante = aquilo que purga, purifica, limpa.

O termo catarse é de origem grega, κάθαρσις (*kátharsis*), sendo usado com o sentido etimológico de purificar, purgar ou limpar. Do mesmo radical grego origina-se a palavra καθαρό (*katharó*; em português, cátaró), que significa puro. Cátaró (*katharó*) é alguém que passou por uma catarse (*kátharsis*), isto é, um processo de purificação.

No seu primeiro método psicoterápico, J. Breuer e S. Freud designaram por catarse a rememoração de uma situação traumática que liberaria o afeto “esquecido” e este restituiria ao sujeito a mobilidade de suas emoções. Freud uniu estreitamente a noção de catarse à prática da hipnose.

Na obra intitulada *Poética* (1993, p. 37), Aristóteles (384-322 a.C.) apresenta a sua noção de catarse. Segundo ele, a tragédia descreve em forma dramática, não-narrativa, incidentes que suscitam piedade e temor; desse modo, consegue-se a catarse (purificação) dessas paixões. Para ele, a música também produz uma catarse.

No entanto, o conceito aristotélico de catarse apresenta alguma novidade, que o faz diferente do dos seus precedentes. A arte havia sido censurada fortemente por Platão, porque é imitação de coisas fenomênicas, isto é, mimese. Por seu turno, as realidades fenomênicas não passam de imitações imperfeitas dos eternos paradigmas do mundo das ideias. Desse modo, a arte se torna cópia de cópia, aparência de aparência, extenuando o verdadeiro a ponto de fazê-lo desaparecer.

Interpretando a “mimese artística” segundo uma perspectiva oposta, Aristóteles se opõe claramente a esse modo de conceber a arte. Longe de reproduzir passivamente a aparência das coisas, ele faz dela uma atividade que quase recria a realidade segundo

¹Filósofo, teólogo e historiador. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC, onde leciona **Bases Filosóficas e Epistemológicas da Psicologia**. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, onde ocupa a cadeira nº 53 e exerce na atual diretoria o cargo de 2º Secretário. Professor efetivo de **História** dos quadros do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Autor de 11 (onze) livros e inúmeros artigos científicos publicados em diversas revistas acadêmicas.<alvarocesmac@bol.com.br>;

nova dimensão. Assim, a arte imita segundo a dimensão do “possível” e do “verossímil”, elevando os seus conteúdos a nível universal.

Aliás, a palavra poética vem do termo grego *póiesis*, que significa fazer, fabricar, criar, produzir. Dessa forma, o estagirita provoca uma inovação no campo da estética, pois o valor da obra é colocado na figura do artista como gênio e imaginação criadora.

Na *Poética*, Aristóteles (1993, p. 37) define tragédia como “imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada”. E, mais adiante, acrescenta que, “suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções”.

Como arte catártica, a tragédia é uma espécie de medicina da alma. Por isso, escreve Aristóteles:

O sentimento que se apresenta em certas almas de forma violenta existe, de certo modo, em todas. Por exemplo, a piedade e o temor, e ainda o entusiasmo, pois esta paixão também produz suas vítimas. Mas, sob a influência das melodias sagradas, quando sentiram os efeitos dessas melodias, vemos tais almas, que foram excitadas até ao delírio místico, restauradas, como se tivessem encontrado a cura e a purificação. O mesmo tratamento deve ser aplicado aos que estão inclinados para a piedade, para o terror ou outra paixão, bem como a todos os outros, desde que sejam susceptíveis de padecer tais paixões. Todos esses necessitam ser purificados de algum modo e suas almas necessitam ser aliviadas ou satisfeitas (Apud CHAUI, 1994, p. 339).

Comentando a *Poética*, Umberto Eco escreve:

Aristóteles não fala (como, durante séculos, se pensou) de critérios de medidas e ordem, ou de equilíbrio orgânico, mas de um outro critério: o elemento fundamental da tragédia é o enredo, e o enredo é a imitação de uma ação cuja finalidade, cujo *télos*, é seu efeito, seu *érgon*. Este *érgon* é a *kátharsis*. Bela – ou bem-sucedida – é a tragédia que sabe provocar a mais completa purificação. Portanto, o efeito catártico é uma espécie de coroamento final do empreendimento trágico, que não reside na tragédia enquanto discurso escrito ou representado, mas enquanto discurso recebido (1992, p. 288).

Para Chauí (1994, p. 338-339),

A tragédia tem uma finalidade educativa e formadora do caráter e das virtudes, por isso deve suscitar no espectador paixões que imitem as que ele sentiria se, de fato, os acontecimentos trágicos acontecessem e devem, a seguir, oferecer remédios para essas paixões, fazendo o espectador sair do teatro emocionalmente liberado ou capaz de liberar-se do peso de suas emoções. O espectador deve aprender, pela imitação (pelo espetáculo oferecido), o bem e o mal das paixões, o que podem fazer de terrível ou benéfico para os humanos.

Assim, em vista de tudo aquilo que foi aqui exposto, percebe-se claramente que, na concepção de Aristóteles, a catarse se dá por meio da arte trágica, que atua sobre a alma do espectador, no teatro, fazendo-o sentir as paixões narradas/representadas e permitindo-lhe, ao imitá-las em seu interior, liberar-se delas, purificando-se.

Portanto, na visão aristotélica, a tragédia desce ao fundo nebuloso da mente, aos porões da alma, ao abismo das paixões humanas. Ela se constitui em instrumento

poderoso de autoconhecimento e auto-respeito, realizando a catarse do universo interior das pessoas.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. 2. ed. São Paulo: ArsPoetica, 1993.

_____. *Metafísica*. Bauru, SP: EDIPRO, 2006.

_____. *De anima*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. *Órganon*. 2. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, volume I*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

ECO, Umberto. *D'Aristotele à Poe*; in: CASSIN, Bárbara (org.). **Nos Grecsetleurs Modernes**. Paris: Seuil, 1992.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia (4 vols.)*. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANCA, Pe. Leonel. *Noções de história da filosofia*. 22. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

LOBO, Antônio. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. Lisboa: Plátano Editora, 1993.

MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia, volume I*. São Paulo: Paulus, 2003.